

Coro e Orquestra Gulbenkian

Martina Batič

Messias

Georg Friedrich Händel



18 — 20 dez 25

18 dez 25 QUINTA 20:00

19 dez 25 SEXTA 19:00

20 dez 25 SÁBADO 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Martina Batič Maestra

Julia Doyle Soprano

Marie-George Monet Meio-Soprano

Thomas Hobbs Tenor

Mark Diamond Barítono

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

BAIXO CONTÍNUO

Raquel Reis Violoncelo

Pedro Vares de Azevedo Contrabaixo

Vera Dias Fagote

Sérgio Silva Órgão

Miguel Jalôto Cravo

Georg Friedrich Händel

Messias, HWV 56

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 45 MIN.

INTERVALO DE 20 MIN.

Georg Friedrich Händel

Messias, HWV 56

PRIMEIRA PARTE

1. *Symphony: Grave – Allegro moderato*
2. Recitativo (tenor): *Comfort ye, my people*
3. Ária (tenor): *Ev'ry valley shall be exalted*
4. Coro: *And the glory of the Lord shall be revealed*
5. Recitativo (baixo): *Thus saith the Lord of Hosts*
6. Ária (contralto): *But who may abide the day of His coming?*
7. Coro: *And He shall purify the sons of Levi*
Recitativo (contralto): *Behold, a Virgin shall conceive*
8. Ária (contralto) e Coro: *O thou that tellest good tidings to Zion*
9. Recitativo (baixo): *For behold, darkness shall cover the earth*
10. Ária (baixo): *The people that walked in darkness*
11. Coro: *For unto us a child is born*
12. *Pifa (Pastoral Symphony)*
Recitativo (soprano): *There were shepherds abiding in the fields*
13. Recitativo (soprano): *And lo, the angel of the Lord came upon them*
Recitativo (soprano): *And the angel said unto them*
14. Recitativo (soprano): *And suddenly there was with the angel*
15. Coro: *Glory to God in the highest*
16. Ária (soprano): *Rejoice greatly, O daughter of Zion*
Recitativo (contralto): *Then shall the eyes of the blind be opened*
17. Dueto (contralto e soprano): *He shall feed His flock like a shepherd*
18. Coro: *His yoke is easy, and His burthen is light*

INTERVALO

SEGUNDA PARTE

19. Coro: *Behold the Lamb of God*
20. Ária (contralto): *He was despised and rejected of men*
21. Coro: *Surely He hath borne our griefs*

22. Coro: *And with His stripes we are healed*
23. Coro: *All we, like sheep, have gone astray*
24. Recitativo (tenor): *All they that see Him laugh Him to scorn*
25. Coro: *They trusted in God that He would deliver Him*
26. Recitativo (tenor): *Thy rebuke hath broken His heart*
27. Arioso (tenor): *Behold and see if there be any sorrow*
28. Recitativo (tenor): *He was cut off out of the land of the living*
29. Ária (tenor): *But Thou didst not leave His soul in hell*
30. Coro: *Lift up your heads, O ye gates*
 Recitativo (tenor): *Unto which of the angels*
31. Coro: *Let all the angels of God worship Him*
- 32a. Ária (baixo): *Thou are gone up on high*
33. Coro: *The Lord gave the word*
- 34a. Ária (soprano): *How beautiful are the feet of them*
- 35a. Coro: *Their sound is gone out into all lands*
36. Ária (baixo): *Why do the nations so furiously rage together?*
37. Coro: *Let us break their bonds asunder*
 Recitativo (tenor): *He that dwelleth in Heaven*
38. Ária (tenor) *Thou shalt break them with a rod of iron*
39. Coro: *Hallelujah*

TERCEIRA PARTE

40. Ária (soprano): *I know that my Redeemer liveth*
41. Coro: *Since by man came death*
42. Recitativo (baixo): *Behold, I tell you a mystery*
43. Ária (baixo): *The trumpet shall sound*
 Recitativo (contralto): *Then shall be brought to pass*
44. Dueto (contralto e tenor): *O death, where is thy sting?*
45. Coro: *But thanks be to God*
46. Ária (soprano): *If God be for us*
47. Coro: *Worthy is the Lamb that was slain – Amen*

Georg Friedrich Händel

(Halle, 1685 – Londres, 1759)

Messias, HWV 56

—

COMPOSIÇÃO 1741

ESTREIA Dublin, New Music Hall, 13 de abril de 1742

DURAÇÃO c. 2h 25 min.

A mais conhecida das oratórias de Händel continua, hoje em dia, a representar um testemunho vivo da diversidade de estilos, formas e idiomas que outrora permearam os vários quadrantes geográficos e culturais europeus. A primeira referência ao *Messias* pode encontrar-se numa carta que o libretista Charles Jennens dirigiu ao estudioso de línguas clássicas e seu amigo Edward Holdsworth, datada de julho de 1741: “Händel disse-me que nada tenciona fazer durante o inverno, mas eu espero poder persuadi-lo a pôr em música uma nova coleção das Escrituras cuja receita reverterá em seu próprio benefício, na Semana Santa. Espero ainda que verta nesta obra todo o seu génio e talento e que a composição supere todas as anteriores, tal como o seu tema supera todos os temas. O tema é o *Messias...*”.

Como forma de contrariar a quebra de popularidade da ópera italiana de Händel junto do público londrino, Jennens redigiu o libreto da nova oratória em língua inglesa, sobre uma compilação de textos bíblicos, à imagem da anterior oratória, *Israel no Egito*, HWV 54. Muito embora com temática religiosa, a estrutura do libreto seguiu, de perto, as convenções do género vocal predileto de Händel,

a ópera, originando uma teia dramática que faz alternar os recitativos, os solos e as secções corais. Do que resultou um “chamariz” irresistível para um compositor de 56 anos de idade, na plena maturidade da sua carreira artística, muito embora tivesse optado por dar à obra um rumo diferente daquele idealizado por Jennens. Com efeito, Händel optou por integrá-la num ciclo de concertos que foi convidado a realizar na cidade de Dublin, entre os meses de dezembro de 1741 e junho de 1742. A partir de Londres, deu início à composição a 22 de agosto de 1741, vindo a concluí-la poucas semanas depois, a 14 de setembro. Trabalhando febrilmente, Händel principiou a composição de outra famosa oratória: *Samson*, HWV 57.

A 18 de novembro de 1741 chegava a Dublin, onde, após uma bem-sucedida temporada de concertos, veio a apresentar a sua última oratória, no New Music Hall de Fishamble Street, a 13 de abril de 1742. Dos desenvolvimentos ocorridos, Jennens não teve notícia, a julgar pelo teor da carta que dirigiu a Holdsworth: “Chegado à cidade, ouvi dizer, com grande gosto, que Händel compôs a música para a oratória *Messias*, mas fiquei, de alguma forma, mortificado quando me apercebi

de que, em lugar de a apresentar aqui, levou-a consigo para a Irlanda”. Aparte o desacerto entre o libretista e o músico, a estreia da oratória veio a despertar o mais vivo entusiasmo junto do público e da imprensa. As receitas de bilheteira ascenderam a cerca de quatrocentas libras, tendo revertido, não a favor do músico, como aventara Jennings, mas das iniciativas caritativas associadas ao evento. Ao mesmo tempo, foi organizada uma segunda apresentação em Dublin, a pedido de membros da nobreza local.

Motivado pela recepção auspiciosa do *Messias*, Händel regressou a Londres, no verão de 1742, certamente convicto de que o domínio da oratória em língua inglesa seria o garante da sua liderança à frente dos destinos musicais de Inglaterra. Aí chegado, deu forma final à oratória *Samson*, estreada no Covent Garden, com êxito retumbante, a 18 de fevereiro de 1743. No mês seguinte sobreveio a estreia londrina do *Messias*, a 23 de março, muito embora sem o brilho que envolvera *Samson*. Levantaram-se vozes metodistas contra o enquadramento das Sagradas Escrituras no contexto do teatro de ópera, com a agravante de o elenco integrar cantoras líricas

bem conhecidas dos palcos londrinos, designadamente a soprano Catherine Clive e a contralto Maria Cibber. O próprio Charles Jennens, depois de escutar a obra, declarou-se insatisfeito com um certo número de “partes fracas”. Por breve período, Händel ressentiu-se da forma incisiva com que Jennens manifestou a sua opinião, quase regressando ao estado depressivo que o levava, anos antes, a considerar a hipótese de retornar à sua Alemanha natal. Mas a imersão num novo libreto de Jennens, desta feita para a oratória *Belshazzar*, HWV 61, aliada ao alento trazido por novas apresentações públicas do *Messias*, em 1745 e 1749, despertaram no músico a confiança necessária para novos projetos e iniciativas. A partir de 1750, Händel fez do *Messias* a última oratória da temporada do Covent Garden associada à Quaresma, indo de encontro às aspirações iniciais de Jennens e instituindo uma tradição que se veio a prolongar no tempo, mesmo depois da sua morte. Paralelamente, a capela do Foundling Hospital de Londres passou a realizar, anualmente, concertos de beneficência com o mesmo programa. Outras instituições do Reino Unido e de outros países seguiram a mesma prática,

vindo a assegurar a projeção internacional de Händel e a consagração do seu legado como patrimônio imorredouro da cultura europeia.

São três as partes que compõem o libreto do *Messias*, HWV 56: uma primeira parte em que Jennens faz apelo aos evangelhos e à vinda do Salvador; uma segunda parte decalcada das Lamentações de Jeremias e dos Salmos, focada na Paixão e na Ressurreição de Cristo e, por fim, uma terceira parte mais breve, a qual coloca a ênfase na redenção da humanidade e na perspectiva da vida eterna, segundo a visão do apóstolo São Paulo. O libreto quase não possui discurso direto, sendo o *Messias* evocado, sobretudo, por narrativas, alusões ou comentários sumptuosamente decalcados em música, na sua essência espiritual e emocional.

Mais do que compor sequências musicais avulsas para cada secção do libreto, Händel arquitetou um plano tonal global que veio reforçar a unificação da teia descritiva. Cada um dos coros da Parte I assinala uma etapa desta progressão harmônica que tem na tonalidade de Ré maior o ponto de chegada triunfal, associado à glória e à luz redentora de Cristo. Na Parte I, esta tonalidade pivot aparece ocasionalmente, vindo a conotar-se com os característicos trompetes no coro *Glory to God*: um prenúncio da triunfante aclamação *Hallelujah*, que encerra a Parte II, na qual estes instrumentos se aliam aos poderosos timbales para exaltarem, conjuntamente, o reinado onnipotente e eterno de Deus.

No curso da Paixão, na Parte II, Händel optou por criar um contraste eficaz, fruto das frequentes digressões a tonalidades afastadas, como sucede quando se alude ao castigo dos pecados (*Surely he hath borne our griefs*). A tonalidade de Ré maior regressa à textura em dois momentos-chave da Parte III: a promessa da ressurreição universal, no dia do Juízo Final (*The trumpet shall sound*) e a revelação do trono resplandecente de Cristo (*Worthy is the Lamb that was slain*). A par dos coros, também os recitativos desempenham um papel de fundo na estrutura músico-dramática do *Messias*, em particular os recitativos acompanhados que se iniciam com estilo arioso irrompendo, depois, numa passagem declamatória rápida que faz fluir a história rumo à secção seguinte (p. ex. *Thus saith the Lord of hosts*). Por seu turno, os solos refletem grande número de atmosferas e afetos, desde a expectativa inicial que perpassa para a natureza circundante (*Every valley shall be exalted*), passando pela interrogação ante a leviandade dos homens (*Why do the nations so furiously rage together*), até à manifestação da fé pessoal e inabalável no Salvador (*I know that my Redeemer liveth*).

Na forma como captou a essência semântica e doutrinal dos textos sacros, Händel deu provas de um *métier* de composição ímpar, tanto no domínio da escrita vocal como instrumental, certamente amparado pela profunda percepção da interioridade humana nos seus diferentes matizes.

RUI CABRAL LOPES

Martina Batič

Vencedora do Concurso Eric Ericson em 2006, a eslovena Martina Batič é uma das principais maestras da sua geração. É reconhecida a sua versatilidade na direção de um vasto repertório, desde obras a *cappella* até corais-sinfónicas. É a atual Maestra Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič foi Maestra Principal do Coro da Radio France (2018 a 2022), Diretora Artística do Coro Filarmónico Esloveno e Diretora Artística do Coro da Ópera Nacional Eslovena (2004 a 2009), em Liubliana. No início da temporada 2023/24, assumiu as funções de Maestra Principal do Ensemble Vocal Nacional da Dinamarca, em Copenhaga. Como maestra convidada, dirige regularmente prestigiados agrupamentos corais, incluindo o RIAS Kammerchor, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio da Baviera, o Coro da Rádio MDR, o SWR Vokalensemble, o Chorwerk Ruhr, o Coro de Câmara Eric Ericson, o Coro da Rádio Sueca, o Coro de Solistas da Noruega, o Coro da Rádio dos Países Baixos, o Coro da Rádio da Flandres, a Züricher Singakademie, o Coro de Câmara de Helsínquia e o Bachchor Salzburg, entre outros agrupamentos. Dirigiu concertos a *cappella* em eventos como o Festival do Mar Báltico (Estocolmo), o *Ultima Oslo*, o *Choregies d'Orange*, o *Festival Présences*, em Paris, ou os festivais de Montpellier e Saint-Denis. Em 2018 dirigiu o Coro da Rádio Sueca e o Coro de Câmara Eric Ericson num concerto de gala para assinalar o 100.º aniversário de Eric Ericson. Martina Batič estudou na Academia de Música da Universidade de Liubliana e na Universidade de Música e Teatro de Munique. Obteve o grau de mestre em direção coral, com distinção, em 2004. Em 2019 recebeu o prémio nacional esloveno *Prešeren Fund Awards*, pelas suas realizações artísticas do domínio da direção coral.

Julia Doyle

Natural de Lancaster, a britânica Julia Doyle estudou Ciências Sociais e Políticas no Gonville and Caius College, em Cambridge, antes de iniciar a sua carreira como cantora. Desde então, tem-se afirmado internacionalmente como especialista em repertório barroco. Entre outras interpretações, destacam-se as obras de J. S. Bach (*Paixões, Oratória de Natal e Cantatas*), Mozart (*Exsultate Jubilate* e Missa em Dó menor), Händel (*Occasional Oratorio, La Resurrezione, Messias e Apolo e Dafne*), Haydn (*Missa de Nelson, Paukenmesse e A Criação*) e Beethoven (9.ª Sinfonia), no Concertgebouw de Amesterdão, com John Eliot Gardiner, em Toronto, com Tafelmusik, em Nova Iorque, com Philippe Herreweghe, em Sydney e Melbourne, com a Orquestra de Câmara Australiana, em Chicago, com o Music of the Baroque, na Cité de la Musique, com o Arslys Bourgogne, no Festival de Halle, com o English Concert, no Royal Albert Hall, com a Royal Philharmonic Orchestra, no Palácio de Versalhes, com The King's Consort, e nas Ilhas Canárias, com a Orchestra of the Age of Enlightenment. A vasta discografia de Julia Doyle inclui, entre outras gravações: *Messias* de Händel, com a B'rock Orchestra e Peter Dijkstra, a Britten Sinfonia e Stephen Layton, a Akademie für Alte Musik Berlin e o RIAS Kammerchor, com Justin Doyle; *Israel no Egito* de Händel, com o Arslys Bourgogne e Pierre Cao; *L'Allegro, il Penseroso ed il Moderato*, com o Kölner Kammerchor e Peter Neumann; o *Magnificat* de Bach, com o Dunedin Consort e John Butt, e com o Bethlehem Bach Choir e Greg Funfgeld; cantatas e a Missa em Si menor de Bach, com a Fundação J. S. Bach e Rudolf Lutz; *Missas Luteranas*, com The Sixteen e Harry Christophers; e a *Paixão segundo São João*, de Bach, com os English Baroque Soloists e John Eliot Gardiner.

Marie-George Monet

Depois de completar formação superior em Musicologia na Universidade François Rabelais, em Tours, Marie-George Monet ingressou na Guildhall School of Music and Drama, em Londres. O seu interesse pela música de câmara levou-a a partilhar o palco com grupos como Accentus, Musicatreize, Les Jeunes Solistes ou De Caelis. Mais tarde, passou a colaborar regularmente com Les Traversées Baroques, sob a direção de Etienne Meyer. Trabalhou também com músicos como Christian Curnyn, Sylvain Cambreling, Christian Zacharias, Laurence Equilbey, Andrés Orozco-Estrada ou Barbara Hannigan.

O seu repertório inclui a ópera, com destaque para *L'Orfeo* (Messaggiera) e *L'incoronazione di Poppea* (Arnalta) de Monteverdi, *A flauta mágica* (terceira dama) de Mozart, *Hänsel und Gretel* (a bruxa) de Humperdinck, e *Il Diluvio Universale* (Divina Justiça) de M. Falvetti. No domínio da música contemporânea, foi solista em estreias mundiais de *Yvonne, princesse de Bourgogne* de Philippe Boesmans (Ópera de Paris e Viena), *Slutchai* de Oscar Strasnoy (Ópera de Bordéus), *Babel after the war* de Xavier Dayer (Théâtre de Vevey), e *La Digitale* de Juan-Pablo Carreño (Teatro Colón de Bogotá). Gravou vários ciclos de canções de Frédéric Pattar, Félix Ibbarrondo e François-Bernard Mâche.

Apresenta-se com regularidade em prestigiados festivais, incluindo *Présences* (Paris), Aix-en-Provence, La Chaise-Dieu, *Agapé* (Genebra), Cuenca (Espanha), Varaždin (Croácia), Tenso (Oslo), Mid Europe Early Music Festival (Polónia), *French May* (Hong Kong) ou Salzburgo (Áustria). Atuações recentes incluem *Chants de l'amour*, de Grisey (Biblioteca Nacional de França), *Requiem* de Mozart (com a Orchestre Les Siècles), *As bodas* de Stravinsky (Radio France), e a *Oratória de Natal*, de J. S. Bach, na Fundação Gulbenkian.

Thomas Hobbs

O tenor inglês Thomas Hobbs é convidado regularmente a colaborar com vários agrupamentos de renome da música barroca e antiga. Na temporada 2025/26, os seus compromissos incluem: *Messias* de Händel, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian, a Victoria Symphony e a Filarmónica da Pomerânia; o Evangelista, na *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, com Il Pomo d'Oro e com o Coro e a Orquestra Gulbenkian; e *Judas Maccabeus* de Händel, com o Vocalensemble Rastatt e Les Favorites. Em março de 2026, irá apresentar-se no Wigmore Hall, no âmbito das celebrações do 400.º aniversário de John Dowland. Dá também continuidade às longas relações artísticas com os agrupamentos Gli Angeli Genève, Le Banquet Celeste, Alia Mens e Les Arts Florissants.

Destaques de atuações recentes incluem, entre outras: a *Paixão segundo São Mateus* de Bach, com o RIAS Kammerchor e a Philharmonie Zuidnederland; um programa de cantatas de Bach, em digressão com a Constellation Orchestra; a Missa em Si menor, no Festival Bach do Oregon; digressões europeias com a Sociedade Bach dos Países Baixos; Evangelista, na *Paixão segundo São Mateus*, com o Bach Collegium Japan; e as *Vésperas* de Vivaldi, com o Musikpodium Stuttgart e o Kammerchor Stuttgart.

A discografia de Thomas Hobbs inclui várias obras de Bach, incluindo a *Missa em Si menor*, com o Collegium Vocale Gent e com o Dunedin Consort, uma seleção de motetes, *Cantatas de Leipzig* e a *Oratória de Natal*, com o Collegium Vocale Gent e o Dunedin Consort, e *Cantatas de Weimar*, com o Alia Mens. Gravou também *Acis and Galatea* e *Esther*, de Händel, com o Dunedin Consort, e a Missa em Dó maior de Beethoven, com o Stuttgart Kammerchor. A Gravação do *Requiem* de Mozart, com John Butt e o Dunedin Consort, recebeu o prémio *Gramophone* de 2014 para “Melhor Gravação Coral”.

Mark Diamond

O barítono lírico americano Mark Diamond declarou-se entusiasmado com a sua estreia em Portugal, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian. Além disso, na presente temporada, colabora com os Dallas Winds, a Mercury Chamber Orchestra e a Ópera de Austin, entre outros notáveis conjuntos.

Intérprete dinâmico e versátil, Mark Diamond confere uma perfil envolvente a um vasto leque de papéis operáticos, obras de concerto e repertório de recital. Os pontos altos da sua carreira incluem papéis principais na Grande Ópera de Houston, na Ópera de Seattle, na Ópera de Limoges, no Théâtre de Caen e na Ópera de Reims, e colaborações com a Sinfónica de Cincinnati, a Sinfónica de Baltimore, o Glimmerglass Festival e a Filarmónica de Seul, entre outros.

Mark Diamond foi distinguido com o prémio *Concert of Arias* da Grande Ópera de Houston e, subsequentemente, integrou o prestigiado HGO Studio. O seu percurso levou-o a descobrir uma profunda paixão pelo ensino, culminando em graus avançados da Rice University e da University of Houston. Atualmente, orgulha-se de contribuir para a rica tradição vocal do Texas como membro do corpo docente de canto da Baylor University, enquanto continua a atuar nalguns dos palcos mais prestigiados do mundo.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. Participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Casavalle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

Coro Gulbenkian

SOPRANOS

Ariana Russo
Beatriz Ventura
Bianca Varela
Carina Matias Ferreira
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Inês Rasquinho
Lucília de Jesus
Margarida Simões
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Marisa Figueira
Mónica Santos
Sara Afonso
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Estrela Martinho
Joana Esteves
Joana Nascimento
Laura Lopes
Lucinda Gerhardt
Luísa Vaz Pinto
Madalena Barão
Mafalda Coelho
Markéta Chumová
Marta Queirós
Rita Tavares
Tânia Valente

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Bruno Sales
Francisco Cortes
Gustavo Paixão
João Barros
João Custódio
João Pedro Afonso
Miguel Carvalho
Nuno Raimundo
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda

BAIXOS

Alexandre Gomes
Frederico Paes
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho
João Costa
João Líbano Monteiro
João Luís Ferreira
João Silva
José Bruto da Costa
Lucas Robert
Luís Neiva
Miguel Jesus
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Álvaro Pereira

CONCERTINO*

Francisco Lima Santos

1.º CONCERTINO AUXILIAR

Maria Balbi 1º SOLISTA

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Catarina Ferreira

Catarina Resende

Margarida Queirós

Félix Duarte

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA

Zachary Spontak 1º SOLISTA

Piotr Rachwał 2º SOLISTA

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Ana Isabel Malheiro

Gonçalo Melo

Bernardo Barreira

Ricardo Vieira

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda

VIOLONCELOS

Raquel Reis 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Jeremy Lake 2º SOLISTA

Leonor Moniz

Angela Escauriaza*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amália Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÉS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

António Silva 1º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

CRAVO

Miguel Jalôto 1º SOLISTA*

ÓRGÃO

Sérgio Silva 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

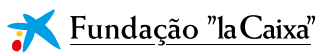
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

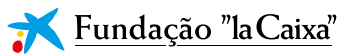
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

